PABLO'S EYE
You Love Chinese Food
CD Extreme, 1995 – XCD031

"One moment please! I am a Deaf Mute." Esta é uma das quatro frases a ter em atenção para a audição deste trabalho, que facilitam a compreensão do espírito em que foi feito (ou talvez não, consoante o critério de quem ouve). Assim percepcionam-se sons quase inaudíveis, absorvemo-nos em construções hipnóticas onde podemos utilizar perfeitamente duas frases cliché como "Stop searching forever. Happiness is next to you" e "You believe in the goodness of mankind" e ver se resulta... Se não resulta, ficamos pelo menos a adorar comida chinesa, mesmo que nunca tenhamos experimentado. Música para todos os sentidos é o que nos oferecem os Pablo's Eye de uma forma despretensiosa, suave, porém irresistível. **FN**

MIRTHA POZZI
Acadacoual
CD Transes Européennes, 1994 – TE002

Uruguaia de Paris, tal como é apresentada no livreto incluso, em *Acadacoual*, Mirtha Pozzi empreende um projecto de reencontro com a linguagem (comum) da infância e da viagem. Contou, para esse efeito, com a colaboração do Ensemble Vocal La Contemporaine e, particularmente, com a descomprometida e bem sucedida prestação da secção juvenil daquele grupo coral. Servindo-se de uma orquestra baseada nos sopros e nas percussões, que joga permanetemente com os sons vocais que sugerem ora lamentos ora brincadeiras, Pozzi utiliza a pleno efeito linguagens tradicionais como o guarani (dos índios paraguaios), a jeringonza (espécie de fala codificada de origem espanhola) e construções onomatopaicas que, aos géneros referidos, aglomeram ainda o espanhol e o francês. As influências do folclore latino-americano são dominantes. No entanto, impregnada pela nostalgia da emigração e pela ingenuidade da infância, a música neste disco faz apelo a uma memória colectiva e ancestral que não tem fronteiras. **GC**

TELECTU
Biombos
CD China Records Co., 1994 – CCD-94/382

Uma surpresa no marasmo em que a música portuguesa parece estar e, ao mesmo tempo, uma forma de libertação dos limites que a classificação 'música portuguesa' pode impor, é o que melhor define *Biombos*. Somos confrontados com sons familiares, captados e improvisados, que resultam num trabalho agradávelmente bizarro. É uma combinação feliz de tendências orientais com sonoridades concretas e peças já existentes. Conseguem até pegar no tema naturalmente limitado *My Favourite Things*, e torná-lo interessante. Este álbum poderia constitur um exemplo se, como já foi dito, outros músicos 'portugueses' vissem mais longe do que o seu próprio umbigo e se soltassem a experimentar. Provavelmente o nosso panorama musical ficaria bastante favorecido. **FN**

VÁRIOS ARTISTAS
Miniatures
CD Volceprint, 1994 – VP159CD

Tudo começou em 1980 quando o editor desta compilação, Morgan Fisher, decidiu comprimir a riqueza e diversidade musical desses tempos, numa espécie de micro-catálogo audio. Para convidar os artistas a participar, enviou dezenas de cartas (num envelope que continha uma Libra por adiantamento de 'royalties') pedindo-lhes um minuto (ou menos) do seu trabalho. As respostas não se fizeram esperar e, passados 14 anos, reeditado em cd pela Volceprint, volta a estar disponível o extravagante resultado. Abrindo com a voz de John Hasley que pergunta "how long we got?" e terminando com *The Miniatures Miniature* (um mini-índice "for those in an extreme hurry"), este disco realiza a prodigiosa façanha de espremer 51 trechos em 42 minutos e de juntar 'em conserva' nomes como The Residents, Robert Wyatt, David Bedford, Fred Frith, Maggie Nicols, Joseph Racaille, The Work, Robert Fripp, Andy Partridge, Quentin Crisp, Hector Zazou, Gavin Bryars, 1/2 Japanese, Michael Nyman, David Cunningham, Etron Fou Leloublan, etc. Diria Jane Austen, citada neste disco, "it was a delightful visit – perfect, in being much too short". **GC**

JOHN WALL
Alterstill
CD UtterPsalm, 1995 – UTTERPSALMCD2

Inspirado nos conceitos de colagem apresentados por Max Ernst nos tardios anos 20, John Wall usou para este trabalho apenas samplers digitais. A aplicação desta técnica na música já não seria inovadora se Wall não tivesse optado pela recolha de micro-amostragens (meticulosamente escolhidas) e sua recomposição (total). Definindo como objectivo a obtenção de peças de sabor contemporâneo, *Alterstill* sofreu constantes alterações e demorou dois anos a nascer. A escolha de amostras incidiu sobre centenas de discos de música clássica, free jazz, new music, death metal e outros géneros. Nada acrescentando aos fragmentos pilhados, surpreende-nos a tensão e sensibilidade resultante. É como se este trabalho fosse o resultado do encontro em estúdio de músicos como John Cage, Anthony Braxton, David Toop, Einstürzende Neubauten, Naked City e... John Wall. Um disco que é um regalo para a vista e para os ouvidos! **LF**

minimal · número 11 · Abril 1996
participaram neste número: Fernando Nogueira, Gonçalo Calheiros, Ilídio Moreira, Luís Freixo, Robert Hicks
com o apoio de Digital-Foto · Edifício Bristol · Porto · Tel/Fax (02) 6007465
os artigos divulgados são comercializados por
audEo · Av. Boavista, 1635-00 · 4100 Porto · Tel/Fax (02) 6097239
NIPC 502667460 · CAE 51190 · CS 420000$ · CRCP 49591

minimal

folheto informativo sobre novidades audEo · No.11

William Seward Burroughs é um escritor radical, inquietante, rodeado de um fascínio misterioso que nos atrai e provoca. Nascido em 1914 em Saint Louis, Missouri, começou por estudar literatura inglesa em Harvard. Mais tarde, interessar-se-ia por outras matérias, tais como a medicina e a antropologia. A partir de 1943, depois de andar pela Europa, chega a Nova Iorque mergulhando na "beat generation" e intensifica a sua actividade literária. Rapidamente se impõe como contra poder na cultura. William S. Burroughs utiliza as palavras – que considera serem um dos principais meios de controlo institucional – como instrumento de fuga a esse mesmo controlo. A palavra escrita é uma arma mortífera, um vírus letal. Com Brion Gysin desenvolveu o método de escrita por cortes (cut-up), que é a justaposição e/ou manipulação, numa extensão da técnica de colagem. Fabrica sequências de linguagem, manipula-as até à criação de personagens fantasmagóricas e alucinantes no mundo apocalíptico. Deixa quase sempre as palavras deambularem por entre ruínas assumindo uma postura radical. São célebres as sua obras ***Naked Lunch***, ***The Soft Machine***, ***The Wild Boys*** e ***The Yage Letters*** (em colaboração com Allen Ginsberg). É lícito considerar WSB como um dos pensadores mais influentes na música contemporânea, com repercussão na criação artística dos Throbbing Gristle, Genesis P-Orridge, Cabaret Voltaire, John Giorno... Muitos músicos, para além de utilizarem a sua voz, incorporam a sua técnica cut-up. Burroughs tem-se transformado, cada vez mais, numa "pop star" intelectualizada com um

crescente número de colaborações de jovens e famosos artistas. A sua postura conotou-o como sendo o avô da punk. Inventou o termo "heavy metal". Os seus escritos obtêm significativo impacto junto dos "cyberpunks" e a sua obra ***Naked Lunch*** é leitura obrigatória para as mentes curiosas (interessadas) na arte do séc. XX. ***Spare Ass Annie And Other Tales*** com os Disposable Heroes Of Hiphoprisy + Hal Willner (4th & Broadway) e ***The Elvis Of Letters*** com Gus Van Sant (T.K. Records) são dois excelentes exemplos em cd, estando entre os seus melhores trabalhos dos últimos anos. A história de WSB é acerca da palavra, o vírus e o mágico. Viajar no tempo e no espaço (ultra)passando barreiras culturais. É sobre o disfarce, a dissimulação, a transmissão e a disseminação. Começa no fim e termina no início. Burroughs adoptou como sua, a máxima de Hassan I Sabbah (revolucionário, herético e místico, falecido há 836 anos) "Nothing is true. Everything is permitted". **IM**

THE FAR EAST SIDE BAND
Urban Archaeology
CD Les Disques Victo, 1996 – VICTOCD037

The Far East Side Band tomou uma nova direcção com a adição da tuba e electrónicas do nova-iorquino Joe Daley, no seu novo cd *Urban Archaeology* para a Victo. Do seu trabalho com Sam Rivers, o Ebony Brass Quintet e o Gravity Tuba Ensemble de George Gruntz, Daley traz um entendimento creativo do tocar múltiplos papeis com o seu instrumento. O tom rico, liricismo eloquente e poder rítmico de Daley cria novas dimensões na Far East Side Band. Em *Urban Archaeology*, as sensibilidades asiáticas da Far East Side Band misturam-se confortavelmente com texturas do jazz e com o ritmo cadenciado de um processional africano, bem como com os contornos tecnológicos de uma era electrónica. Os instrumentos tradicionais asiáticos, junto com o processamento electrónico do violino e da tuba eléctricos, dão às composições um sentido orgânico de antigos e novos sons. Toda a música neste cd segue trajectos transformacionais. Os movimentos múltiplos criam uma plano arquitectónico que transporta o ouvinte de um espaço ao seguinte. Em *Diary For Urban Archaeology* e em *Distance Between Memories*, imagens são livremente justapostas como num sonho. *Mizu* e *The Shadows Play* fluem narrativamente, com personagens emergindo para contar as suas histórias. Hwang (líder e compositor da banda) pretende que os ouvintes de The Far East Side Band partam com uma ressonância poética que possam levar com eles para novas esferas de experiência. Tudo isso faz parte de um novo horizonte cultural entre músicos americano-asiáticos que está a ajudar a redefinir as nossas noções do jazz e da tradição musical asiática. **RH / GC**

HILMAR ÖRN HILMARSSON
Children Of Nature
CD Touch, 1996 – T33.14

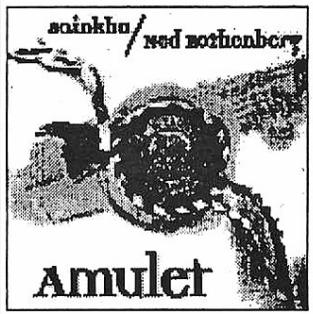
O nome de Hilmar Örn Hilmarsson já havia aparecido associado aos Current 93, The Hafler Trio e Psychic TV. Embora desta vez surja ao lado do cineasta Fridrik Thor Fridriksson (*Children Of Nature* é a banda-sonora de *Cold Fever*, consagrado com o Oscar de 1992 para o melhor filme estrangeiro) é através desta obra individual que ele se revela como o mais melodioso compositor da Islândia. As peças que com entrega descobrimos (vencedoras do prémio Felix de 1991) são, na verdade, uma série de harmoniosas sinfonias miniaturizadas e extensos interlúdios – envolvendo violinos, violoncelo, percussão e instrumentos tradicionais islandeses – que nos levam a visualizar espaços nunca pisados, um céu virgem e imenso, e um mar vasto e profundo. No contexto cinematográfico, a música funciona como uma ressonante lamentação por amores perdidos e, ao mesmo tempo, de metáfora à busca humana de um lugar no grande design da paisagem. O belíssimo livreto, que expõe numerosos fotogramas do filme, teve a assinatura do célebre Jon Wozencroft. Editorialmente, 1996 começa bem, sem dúvida! **LF**

ANNA HOMLER, GEERT WAEGEMAN & PAVEL FAJT
Macaronic Sines
CD Lowlands, 1995 – LOW002

Há discos que não são mais do que uma passagem directa a novas dimensões... especiais ou espaciais. Este trabalho de Anna Homler, Geert Waegeman e Pavel Fajt é soberbo neste sentido: desde o primeiro momento, em *Volapuk Smile*, somos iniciados em ritmos tribais cruzados com variações sobre sonoridades tradicionais, folclóricas, alguns de proveniência oriental, outros apenas resultantes do espírito, emocionais, que não são mais do que uma experiência musical partilhada; momentos musicais de uma simplicidade impressionante, apresentados de forma realmente admirável. Em viagem, partimos de sons quotidianos e, sem nos darmos conta, encontramo-nos a apreciar combinações exóticas, que tanto podem ser distantes como estranhamente familiares, se pensarmos, por exemplo, na linha rítmica de *Bridge*, fornecida por um motor. É todo um trabalho caleidoscópico, explorador de novas linguagens, não sendo por isso insignificante a referência à 'Volapuk', língua artificial que o seu autor Johann Martin Schleyer pretendia universalizar, formando correspondência exacta entre a pronúncia e a escrita, forma de expressão ideal para um trabalho de amplitude ilimitada. Enfim... cada tema pode ser tomado como um novo perfume que imaginamos envolvente, surgindo-nos como uma fonte inesgotável de universos musicais a descobrir, sempre diferentes e novos em cada audição. **FN**

RENÉ LUSSIER & NOW ORCHESTRA
Le Tour Du Bloc
CD Les Disques Victo,1995 – VICTOCD036

René Lussier foi parceiro de vários conceituados músicos como Fred Frith e Jean Derome, mas a sua obra maior continuava a ser *Le Trésor De La Langue*, editado no Canadá francófono pela Ambiances Magnétiques. Em Victoriaville, uma outra cidade do mesmo Québec, Les Disques Victo lança agora este novo álbum que vem confirmar que um dos polos de maior criatividade musical de todo o mundo é, de facto, aquele estado canadiano recentemente noticiado pelas suas pretensões independentistas. *Le Tour Du Bloc* é uma espécie de mapa de um país imaginário, que nunca chegou a existir. A música é constituída por cenários e movimentações, como que fossem uma narrativa dos acontecimentos banais e vulgares dentro desse país. Para isso, René Lussier reuniu à sua volta uma orquestra de 13 elementos, incluindo violoncelo, flautas, saxofones, clarinete, trombone, trombeta, piano, guitarras, contrabaixos, baterias, daxofone e vozes. Sugerindo estilos e inesperados contrapontos sobre contrapontos, este trabalho aparentemente discreto adquire uma invulgar dinâmica que saltita com mestria e humor dos ritmos rock às paródias jazz, da improvisação free às baladas pastorais. Uma viagem que apetece repetir vezes sem fim. **LF**



SAINKHO NAMCHYLAK & NED ROTHENBERG
Amulet
CD Leo Records, 1996 – CDLR231

Os primeiros sons de *1st Dance* são ditados pelo saxofonista nova-iorquino Ned Rothenberg, seguindo-se-lhe o acompanhamento vocal da diva de Tuva, Sainkho Namchylak. *Tovarischi II – Toronto* é verdadeiramente comandado pelo sopro de Rothenberg, mas Sainkho acompanha-o em monosílabos cantados. A seguir, em *Urzup Kherge/Wee Hours*, o primeiro tema de origem verdadeiramente tradicional, ela toma o primeiro plano enquanto ele vai tecendo um manto musical. *What Shakes* é um combate de voz e saxofone, de onde resulta em alguns momentos a quase fusão da identidade dos sons. Um outro tema tradicional, *Lake Song*, expõe distintamente a voz de Sainkho, enquanto Rothenberg faz um acompamhamento escultórico de saxofone. Em *Ancient Garden* prevalece um certo intimismo instrumental e vocal. Depois, em *Vision*, Sainkho aparece sózinha para revelar a sua impressionante e excepcional qualidade como cantora polifónica. Como saxofonista, Rothenberg é também excepcional e *At Altitude* é a sua oportunidade de o provar. *2nd Dance* recupera o leitmotiv da abertura, mas invertendo os papeis de comando e acompanhamento. *Slow Rain* é como um agradável chuveiro de saxofone, num dia quente em que os chilreios de Sainkho nos animam o coração. Em *Call & Response – Dance Reprise* faz-se uma longa e derradeira abordagem ao tema de abertura, procurando e encontrando outras soluções às variantes apresentadas. *Low & Away* é um monumento aos contrapontos dados pela voz de Tuva, com um acompanhamento eficaz por parte do saxofone. Finalmente, *Tovarischi II – Tallin* faz-nos lembrar o estilo de Maggie Nicols e da nossa querida Maria João, só que desta vez substituindo os pianistas acompanhantes por Ned Rothenberg e respectivo saxofone. Um exercício de criatividade e profunda beleza. **LF**